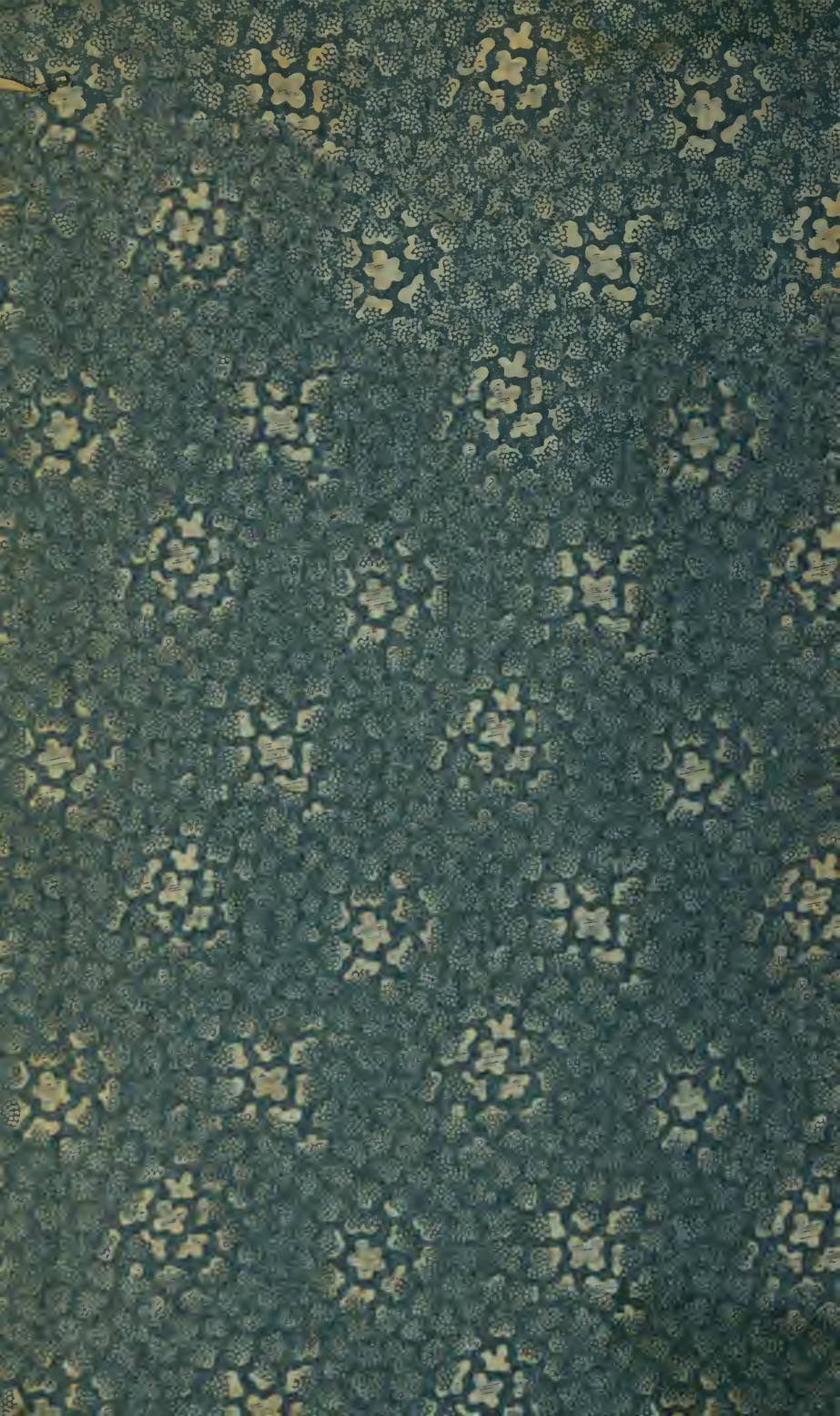


3 1761 07039633 8







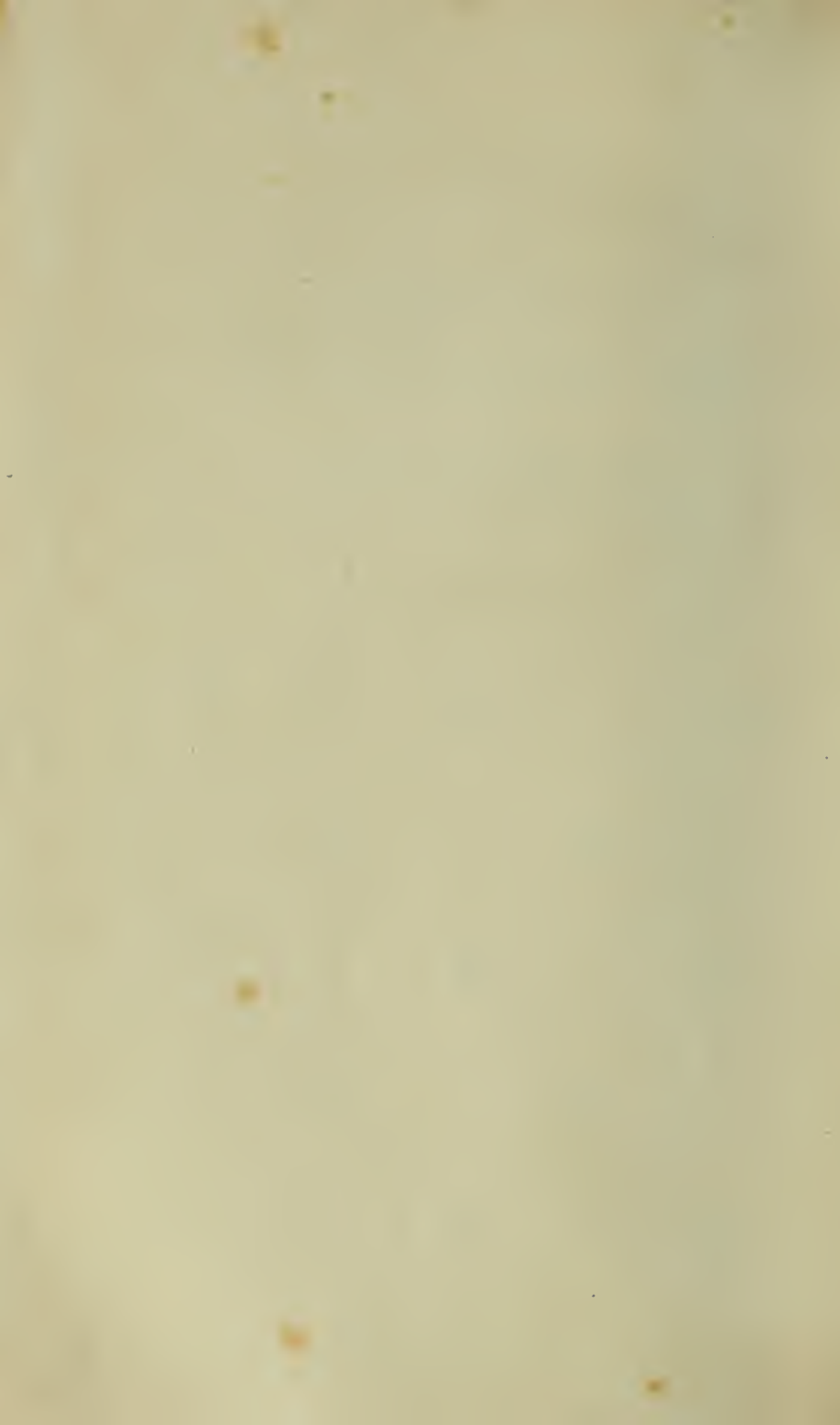




A SOMBRA
DO QUADRANTE


POR
EUGENIO DE CASTRO
DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS





de la
Roxe

102



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

A SOMBRA
DO QUADRANTE

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

- Crystallisações da Morte*, 1884.
Canções d'Abril, 1884.
Jesus de Nazareth, 1885.
Per umbram, 1887.
Horas tristes, 1888.
Oaristos, 1.^a edição, 1890; 2.^a edição, 1900.
Horas, 1891.
Sylva, 1891.
Interlunio, 1894.
Belkiss, 1894.
Tiresias, 1895.
Sagramor, 1895.
Salomé e outros poemas, 1896.
A Nereide de Harlem, 1896.
O Rei Galaor, 1897.
Saudades do Céu, 1899.
Constança, 1900.
Depois da Ceifa, 1901.
Poesias Escolhidas, 1902.
O melhor retrato de João de Deus, 1906.

No prelo :

- O Anel de Polycrates*, poema dramático.
Belkiss, 2.^a edição.

A SOMBRA
DO QUADRANTE

POR

EUGENIO DE CASTRO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1906

PQ
9261
C456



D'esta edição fez-se uma tiragem especial de quatro exemplares em papel Whatman, numerados e rubricados pelo auctor.



A

D. MIGUEL DE UNAMUNO

*... tibi: namque tu solebas
Meas esse aliquid putare nugas.*

CATULLO.

EPIGRAPHE

*M*urmurio d'agua na clepsydra gotejante,
Lentas gotas de som no relógio da torre,
Fio d'areia na ampulheta vigilante,
Leve sombra azulando a pedra do quadrante,
Assim se escôa a hora, assim se vive e morre...

*H*omem, que fazes tu? Para quê tanta lida,
Tão doidas ambições, tanto odio e tanta ameaça?
Procuremos sómente a Belleza, que a vida
E' um punhado infantil de areia resequida,
Um som d'agua ou de bronze e uma sombra que passa...

INSCRIÇÃO

A LUIZ DE MAGALHÃES.

Arqueado sobre a límpida corrente,
Ria um fauno da propria carantonha,
Soprando folgazão em verde cálamo,
Quando, na opposta margem, de repente,
Viu a figura esbelta mas tristonha
D'Enio, que abria uma inscrição n'um álamo.

Poz-se o fauno a espreitar, quedo e matreiro,
E assim que o pastor grave se afastou

Como um espectro na bruma vespertina,
Galgou d'um salto o múrmuro ribeiro,
E alçando-se nas patas soletrou
No prateado tronco esta sextina :

*« Sequioso, hoje, ao curvar-me d'uns barrancos,
« Para beber em crystallina fonte,
« Que entre agriões canta e fulgura, a rir,
« Vi que já tenho dois cabellos brancos !
« Assim, longe de ti, na minha fronte
« As saudades começam a florir . . . »*

PASSEIO NOCTURNO

Levanta-te, Psyché! Nem um só astro explende
Na abobada tranquilla...
São horas de partir. Toma o teu manto, e accende
A lampada d'argila.

Vamos correr de novo os saudosos caminhos,
Cemiterios d'esp'ranças,
Onde passámos rindo a colher flor's e ninhos,
Como duas creanças...

Quero voltar á fonte onde em calmoso dia
Martha nos appar'ceu ;
A roseira que lá com mil bôcas sorria,
Já de certo morreu . . .

Quero ao cedro voltar, que imperava sombrio
N'um monte aspero e bronco,
A ver se o tempo as duas lêtras já sumiu
Que eu lhe gravei no tronco . . .

Sentar-me-ei contigo, um instante, no musgoso
Cume da pedra brava
D'onde vimos mingoar ao longe o vulto airoso
D'Ignez que nos deixava . . .

Do jardim de Leonor quero rever as dhalias,
E as pervincas na balsa . . .
Mas que fazes, Psyché? P'ra que atas as sandalias?
Vem mesmo assim, descalça !

Temes o abrolho, que escondido dilacera ?

Dos cardos a rudez ?

'Stá coberto de cinza o chão que nos espera :

Não maguarás teus pés...

TRISTISSIMA

No teu perfil d'anjo mortificado
Paira sempre uma nuvem de tristeza,
Que bem fundo me abala, p'la incerteza
Pungente e viva, de eu a ter causado.

Talvez teu coração desconsolado,
Vendo o meu tão pobrinho de belleza,
Sinta a dolorosissima surpresa
De quem desce d'um sonho albirosado.

Magoam-te, meu bem, velhos abrolhos ?
Tens saudades d'alguem que está ausente ?
Ah ! permitta o Senhor, ó pura e doce,

Que essa tristeza venha de os teus olhos
Terem debalde olhado, longamente,
A estrada pela qual o Amor me trouxe !

SAUDADES

Cada uma das palavras que vaes ler
Com olhos de divina claridade,
Leva-te, meu encanto, uma saudade
Mais triste do que as rolas a gemer.

Poucas, bem poucas são as que, a tremer,
Aqui te escrevo, ó toda suavidade,
Mas fossem mil, não foram nem metade
Das saudades que enturvam meu viver.

Se, arrancados, meus olhos lacrimosos
Podessem ver os teus, tão mysteriosos,
Que ao vel-os tudo em sonhos se converte,

De só por ti chorarem nunca fartos,
Arrancára-os eu já, para mandar-t'os,
Feliz de me achar cego para ver-te !

HORA SUPREMA

Daria de bom grado
Trinta ou quarenta dias do futuro,
Se o pudesse fazer,
Para, moço outra vez, do meu passado,
Ingenuo, crente e puro,
Tres horas, tres sómente, reviver.

Na primeira das tres,
Aquella revivera, azul, celeste,
Em que, rosea de pejo,
Com infantil, quebrada timidez,
Suavissima me déste,
Sob as magnolias, o primeiro beijo.

Ao chegar da segunda,
Que ponto no passado evanescente
Tomára eu por mira ?
Sentindo uma emoção doce e profunda,
Extasiadamente,
Da primeira as doçuras repetira.

Cavamente sonora,
Soaria a terceira : tudo em pó
Se desfaz, de fugida . . .
E eu sempre a reviver a mesma hora,
Que, sendo uma hora só,
Tem sido, é e será toda uma vida !

ROMPIMENTO

Mandas-me as prendas que te dei outrora ;
Ahi vão aquellas que me déste um dia . . .
Seja ! acabe-se tudo . . . e que a alegria
Doire essa gracil cabecinha loura.

Ahi vae o lenço onde, orvalhada aurora,
Choraste, uma manhã, quando eu partia,
E a mecha de cabellos, luzidía,
Dada em risonha, inolvidavel hora.

Ahi vão as rosas, onde a tua bôca
Poisaste, affavel, antes que m'as dêsses,
Certo dia em que eterno amor jurámos...

Nada mais tenho teu ; é finda a troca,
Se o desejo não tens (ah ! se o tivesses...)
De destrocar os beijos que trocámos...

O ERMITÃO

A MEU IRMÃO
LUIZ DE CASTRO E ALMEIDA.

« Joseph de Sá Pereira, Ermitão
que actualmente (*sic*) era da Ca-
pela da Virgem Nossa Senhora de
Entre Agoas. »

Certidão d'obito.

Esse Joseph de Sá, meu quinto avô,
Fidalgo altivo e caçador de fama,
Cumprindo o que jurára á sua Dama,
Fez-se humilde ermitão quando enviuvou.

Na ermida, entre aguas, relembrava só
A que dormia em funeraria cama ;
Na memoria, porém, inquieta e em chamma,
O rosto d'ella aos poucos se apagou...

Mas a Virgem, sorrindo com deleite
Ao que tão bem, tão placido, a servia,
Ás tardes, quando o ermitão cançado

Ia espertar a lampada d'azeite,
Co'as feições da defunta lhe appar'cia,
Como ella as tinha ao tempo do noivado...

A' VOLTA DA FONTE

A JOÃO DE VILHENA.

Volta da fonte a donzelliha airosa,
Ao musical esmorecer do dia,
Mas volta grave, lenta e lastimosa,
Com a urna vasia.

Seccou a fonte ! Nem um leve fio
Cae da limosa bica... D'hoje em deante,
Para ter agua, terá de ir ao rio
Que fica bem distante...

Não é isso porém o que de espinhos
Veste seu peito e a afoga em tristes ancias :
Os seus pés são ligeiros passarinhos,
Sorriem das distancias . . .

O que a fere e lhe augmenta a pallidez
E' que o seu moço e esbelto namorado
Faltou -- ai d'ella ! -- p'la primeira vez,
Ao encontro ajustado.

Vasia, agora a urna mais lhe pesa
Do que nas tardes em que vinha cheia ;
Flores, nem uma traz . . . E' a Tristeza
A arrastar-se p'la areia . . .

Chama-a de longe o rio desejoso,
Mas ella que parou não sei porquê,
Sequiosa a bôca e o coração sequioso,
Nem o ouve nem vê . . .

Detem-se um pouco e parte... De repente,
Ouve um arroio chilreando : taciturna,
Sem se curvar, prosegue, indiferente,
Sempre vasia a urna...

Nem viv'alma ! Silencio atroz, profundo...
Parece á triste, vendo-se tão só,
Que morreu toda a gente n'este mundo,
Que só ella ficou...

Para a sêde da bôca, longe ou perto,
Ha sempre agua, nos campos, nas cavernas ;
Até no adusto, no infernal deserto
Ha oasis com cisternas.

Mas para a sêde da alma, se algum dia
Sécca a fonte d'amor, que lh'o concede,
Não ha senão, apoz lenta agonia,
Senão morrer de sêde...

Para a alma que extatica se dobra
Ante a fonte escolhida em sitio ameno,
A agua d'outras fontes é salobra,
Quando não tem veneno...

O JAZIGO

A ANTONIO VIANNA.

« Assim fazia Santa Ida Duqueza de Saxonia, que mandando em vida lavrar de marmore o seu jazigo, todos os dias o enchia de diversas coisas de comer, e vestir, e as distribuia pelos pobres. »

P.º MANUEL BERNARDES, *Exercícios Espirituaes.*

Diz a Princeza louca, surprehendida
Pelos olhares de seu esposo, agrestes :
— « Que espanto, o vosso ! Pois não me dissestes
« Que era uma doida e dava sem medida ?

« Este jazigo então comprei, rendida
« Aos severos conselhos que me déstes,
« E n'elle meço o pão, dinheiro e vestes,
« Que aos tristes dou de miseravel vida.

« Alqueire de piedade, e caixa, um dia,
« De cinzas funeraes, tangem violas
« Em torno d'elle seraphins alados. . .

« Vossas ordens cumpri como devia :
« Seja medida agora das esmolas
« O que breve o será de meus peccados. »

OLHANDO AS NUVENS

Ao comparar, Lucinda, o teu novo retrato
Com o outro que me déste ha um mez, indo-te embora,
Em dúvidas crueis me perco e me debato,
Pois ou um d'elles mente, ou tu és outra agora.

Não és a mesma, não ! O teu sorriso tem
A mesma graça ; a fronte e a bôca voluptuosa,
O collo e as finas mãos são como eram... porém,
Tens a mais não sei quê, falta-te qualquer cousa.

O que é que te mudou, o pesar ou a doença ?
Seriam da saudade as frechadas agudas ?
Como foi que n'um mez fizeste assim diff'rença ?
Como serás d'aqui a um anno, se assim mudas ?

Ante os retratos, flor, meu peito mal supporta,
Cheio de confusão a mágua que o trucida :
Aquelle que eu já tinha é um retrato de *morta*,
E o que hoje recebi, d'uma *desconhecida* !

Emquanto assim padeço, ao céo os olhos ergo,
Ao céo, lagôa azul onde as vélas são asas...
Vejo as nuvens correndo... e nas nuvens enxergo,
Inflammado p'lo sol, um castello de brasas.

O castello rutíla em faustoso lampejo,
Qual torre de crystal onde dorme um thesoiro ;
De subito, porém, sem saber como, vejo
O castello mudado em lucifero toiro.

Mas no dorso do toiro uma Deusa se deita,
Sob o fardo divino eis que o toiro galopa,
E assim, no céu aonde a lua anciosa espreita,
Parece-me ver Zeus arrebatando Europa !

Deusa e toiro depois transformam-se em navio,
Buscar o Vello d'Oiro os Argonautas vão...
Desfaz-se a nau solemne, e em nobre desvario
O amante de Medêa acutila o dragão !

Mas já a noite desce... E a nuvem destroçada,
Que foi castello a arder, toiro, mulher divina,
Nau, heroe e dragão... eil-a emfim desdoirada,
Triste e sombria como um fumo d'officina...

D'este espirito enfermo os debates damnados
Páram : a nuvem alta applacou-os, desfez-m'os...
— Como a nuvem do céu, morremos aos bocados,
Como a nuvem do céu, nunca somos os mesmos...

Viver, agonisar... Cada instante é uma cova !
Um beijo é o fallecer gostoso d'um desejo...
E se te beijo a bôca aromatica e nova,
Não sou o mesmo já que te pedira um beijo !

Somos um para o outro, amor, qual fugidia
Sombra d'ave que passa em crystallina veia...
Ai de ti ! ai de mim ! Um olhar é uma agonia,
E a palavra é na bôca o estertor d'uma ideia !

Quantas vezes cerrei os olhos, commovido,
A ouvir a tua voz de prata ! e ao despertar,
Par'cia-me, meu bem, que me tinhas fugido,
E que outra se sentára ali, no teu lugar !

Nunca encontrei nos labios teus o mesmo gôsto,
Fonte onde vão beber á tarde os meus revezes...
Mil rostos tenho visto em teu maguado rosto,
E labios mil beijei, se te beijei mil vezes !

Sou o mesmo para ti ! Veloz, o tempo flue,
E ai quantos homens já em mim agonisaram !
Afinal o que sou ? A campa do que fui !
Mil vezes te beijei ? Mil homens te beijaram !

Ai de mim ! ai de ti, perola ! Foi traçado
Que os nossos corações, mal noivem, logo enviuvem :
E ai ! quanta, quanta vez temos enviuvado,
O' nuvem para quem sou tambem uma nuvem !

O' morta, ó viuva, ó noiva ! ó belleza celeste,
Belleza que só és na inconstancia constante !
Afagando-te agora, o remorso me veste,
Pois julgo atraiçoar a que eras ha um instante !

Não mudes mais, por Deus ! Es o monte de neve
Que se transforma quando o sol o descongela :
Teu mavioso olhar é um relampago breve,
E eu quizera mudado o relampago em estrella !

Pára ! não mudes mais ! Só tens de fixo o nome !
Lucinda, ao ver-te assim de hora em hora mudada,
De tal modo enlouqueço e a febre me consome,
Que te quizera ver ahí petrificada !

Invejemos, Lucinda, as estatuas que a Arte
Ergueu, n'um repto audaz aos ventos do porvir !
Fôra eu uma estatua, e pudesse beijar-te !
Fôras tu uma estatua, e pudesses sorrir !

Se fossemos de jaspe ! Eu, Satyro amoroso,
E tu, Nympha gentil, nos meus braços tremendo !
Mas o que peço eu ? Delirio doloroso !
Resignemo'-nos, flor, continuemos morrendo . . .

Quando a Morte aclarar os supremos mysterios,
Das nossas almas vendo o lamentavel fundo,
Encontraremos lá dois grandes cemiterios,
Mais vastos que o maior cemiterio do mundo ;

Cemiterios aonde, em grupos esfumados,
Pisando um trilho só de saudades florido,
Os mil phantasmas errarão, desconsolados,
Dos mil amantes que até lá teremos sido !

O ELMO

A CARLOS MALHEIRO DIAS.

O campo que ahi vês, theatro d'uma guerra
Ha muitos annos foi :
Cada passo dos teus n'esta fecunda terra
Mede a campã d'um heroe !

Olha a seara d'oiro, olha os cachos doirados
Da vinha bella e forte !
Campos ferteis não ha como os que são lavrados
P'la charrua da Morte...

Onde o sangue correu e a traição virulenta
Rastejou na poeira,
Arrulham pombas na folhagem da cinzenta,
Pacífica oliveira...

'Spelho occulto dos sons, o echo d'estes montes
Redisse ais e estertores ;
Mas hoje só repete o chalrear das fontes
E o clamar dos pastores...

Aqui foi que, ha um instante, á sombra densa e grata
D'alto chorão virente,
Entre hervas e calhaus, um elmo achei de prata,
Lavrado finamente ;

Elmo estranho, que o vento ou que um baldão do acaso
De negra terra enchera,
E onde, como em bojudo e caprichoso vaso,
Pallida flor nascera.

Antigo protector da fronte nobre e ousada
D'algum moço guerreiro,
Sentiu-a latejar, doidamente abrasada
N'um sonho carniceiro ;

Protegendo-a, sentiu dentro de si a voz
Da crueldade hirsuta,
Impetos de exterminio e de vingança atroz,
Éstos de fera bruta !

Mas o heroe baqueou : golpe certo e profundo
Prostrára-o n'um momento !
E o elmo ouviu então do moço moribundo
O ultimo pensamento,

Que alçando-se no ar, como ave luminosa
Foi para longe a voar,
Até cair aos pés d'uma donzella anciosa,
Que se poz a chorar.

Sonhos de gloria e vós, odios que nos tornaes
A vida em escuro inferno,
Sois uma cinza vã, sois cinza e nada mais :
Só o amor é eterno !

De quanto palpitou no elmo refulgente
Só não morreu o amor,
Que simples, virginal, balsamico e innocente,
Revive n'esta flor !

FLORES SÊCCAS

Um livro que é um herbario ! Resequidas,
Doce aroma suavissimo exhalando,
Folhas e flor's estão assignalando
As passagens do texto preferidas.

N'estas paginas, horas esquecidas,
Que de sonhos andámos levantando !
Mas tu morreste, lirio puro e brando,
D'olhos leaes e mãos compadecidas !

Este feto recorda-me um domingo,
N'estas avencas teus dedinhos vejo,
N'estas algas, do mar ouço a canção...

Mas se olho estes jasmins, já não distingo
O que me déste com o primeiro beijo,
D'aquelle que tirei do teu caixão !

SOB OS OLHOS DE DEUS

AOS MEUS AMIGOS
CONDE DE ARNOSO
E CONDE DE SABUGOSA.

Esposos de irmãs, irmãos pela amisade,
Na honra e brio irmãos, quiz o Senhor
Irmanar-vos ainda n'uma dor
Maior que a da viuvez e a da orfandade.

Um perde a filha em plena mocidade,
Da belleza e da graça em pleno alvor ;
Perde o outro um filho, exemplo de valor,
Maravilha fatal da nossa idade !

Tristes paes sem ventura, que, abraçados,
Do cemiterio percorreis os trilhos
Todos cheirosos a cypreste e a goivos,

Vossas fronteas erguei aos céos doirados,
Onde agora talvez os vossos filhos,
Sob os olhos de Deus, caminhem, noivos !

CREPUSCULO

AO CONDE DE MONSARAZ.

O anjo esbelto que o sol doirava ainda ha um instante
Na grimpa airosa e audaz da cathedral sombria,
Anjo de ferro agora, immovel, dominante,
E' o anjo da Saudade e da Melancholia.

Tristes como quem vae caminho do desterro,
E silenciosas como a propria paciencia,
Ajoelhadas aos pés d'aquelle anjo de ferro,
As casas fazem seu exame de consciencia...

Odios, ancias d'amor, revóltas co'a desdita,
Glorias feitas em pó, sonhos côr das estrellas,
Quanto os seus corações palpitantes agita
Tudo se mostra nos seus olhos, as janellas.

Uma, aberta, vejo eu n'aquelle prediosinho,
Que me enche de amargura e commiseração :
Ali dentro morreu hontem um meu visinho
Que deixou a mulher e tres filhos sem pão.

Como eu calcúlo o quarto ! As mesas atulhadas
De remedios; um Christo; o espelho quedo, absorto...
No chão pingos de cêra e rosas desfolhadas,
E a um canto, n'um cabide, os casacos do morto.

E p'ra além d'esse quarto adivinho uma sala
Onde a viuva abraçada aos orphãos somnolentos
Finge ouvir semi-tonta uma velha que fala,
Em suspirosa voz, nos seus padecimentos.

Adeante, um rez-do-chão. Vê-se pela vidraça
Uma alcova de pobre, arranjadinha e calma :
Lá dentro uma mulher, toda brandura e graça,
Despe, beijando-a muito, a filha da sua alma.

A menina boceja, ergue os braços ao ar,
Treme ao ver-se em camisa, e a boa mãe piedosa
Junta-lhe as mãos em prece, ensinando-a a resar,
E aninha-a nos lençoes... Deus a faça ditosa !

N'aquelle esmadrigado e negro pardieiro
Sabeis quem móra ? E' a mulher de Pedro Sem :
Eil-a á janella a olhar, a olhar no nevoeiro,
Pobre ! que tanto teve, e agora nada tem !

E o que ella roga a Deus que faça a noite espessa,
Que occulte em nuvem densa a prateada lua,
Para que possa, sem que alguem a reconheça,
Ir postar-sê a pedir á esquina d'uma rua !

A seguir, um palacio. Ao rectangulo ardente
D'uma sacada surge a fronte esmaecida
D'alva donzella que olha a rua cegamente,
Como um pobre a buscar uma moeda perdida.

Ai da moça gentil que em crueis agonias,
Erguendo os olhos só para os fixar no céo,
Inutilmente aguarda o noivo que ha tres dias
Abalou taciturno e não mais appar'ceu !

Passos andados, eis-me a fitar com tristeza
A silhueta febril d'um homem desgrenhado,
Que em repetidas contorsões de fera presa
Passa e torna a passar n'um estore illuminado.

Bem sei, bem sei quem és, tragico passeante,
Poeta ingenuo como os lirios da manhã ;
Conheço a tua dor : fugiu-te a loira amante,
O' desgraçado suicída d'amanhã !

Em lobrega mansarda alguém chóra e soluça :
Uma esposa infeliz, em contorsões de dôr,
Toda se estende lá de cima e se debruça,
Esp'rando o marido que é — ai d'ella ! um jogador !

E o seu chorar tem echo ! Outro vulto franzino
Chora e soluça ali, n'umas aguas-furtadas :
Afflicta mãe aguarda o filho libertino,
Tremendo de o saber preso ou morto ás facadas.

Mas mais triste que a viuva e que a noiva trahida,
Que o amante abandonado e a receosa mãe,
E' aquella mulher tão nova e envelhecida,
Que olha não sabe o quê, espera não sabe quem.

Bordadora ou rendeira (os seus dedos de flores
Revelam claramente um mister delicado),
Movendo a agulha d'oiro ou os bilros faladores,
E' seu triste viver o de um rio parado.

Moça, mal começou seu peito a arredondar-se
Como onda de jasmims e delicadas rosas,
Logo um sonho d'amor pegou a desenhar-se
Na sua alma infantil, em cor's maravilhosas.

A par iam crescendo em belleza e alegria
Seu corpo virginal e o sonho que a enlevava :
— « Será hoje, será ? » cada manhã dizia,
E cada noite p'lo outro dia suspirava . . .

Mas o Amado não vinha, e o tempo ia correndo
Com duros pés sobre seu peito solitario ;
E ella sempre a esperar, sempre a esperar, não tendo
Outros amor's senão um craveiro e um canario..

E o tempo a galopar ! Seus olhos mal enxutos
Buscam doidos, em vão, outros com que sonhou . . .
Pobre arvore gentil de aromaticos frutos,
Nascida n'um deserto onde ninguem passou !

Ninguém a viu, ninguém a vê! Desgraça immensa!
Virgem branca, p'la dor que a opprime é uma viuva,
E o seu sonho d'amor ante aquella indiff'rença
Bruxolêa, a morrer, como uma luz á chuva...

Nciva, com que ternura honesta e chilreante,
Do marido implorára os candidos desejos!
Mãe, como ella beijára o loiro filho! e amante,
Que embriagante mel não teriam seus beijos!

Porém, ninguém a vê! Em celere carreira,
Tomado o tempo vae de infrene desvario,
E hoje a triste, ao pentear a longa cabelleira,
Entre os cabellos d'oiro uns dois de prata viu!

E' noite. Rompe o luar. Da gente que ali passa
Ninguém a vê, tão doce e pallida, ninguém!
E ella, collada a fronte alvissima á vidraça,
Olha não sabe o quê, espera não sabe quem,

E no meio do seu angustioso socego,
Pede, juntas as mãos, um sobresalto forte,
Venha elle, que importa ? em tropeções de cego,
Pelo braço do Amor ou pela mão da Morte !

DIAMANTES E PEROLAS

*Sobre uma passagem do Padre Manuel Bernardes
allusiva á morte de Philippe II de Hespanha*

A D. JULIO NOMBELA Y CAMPOS.

O soberbo monarcha, em vasto leito
D'ebano e d'oiro, jaz agonisante ;
Seu filho, que soluça, traz brilhante
Roupa de seda e o Tosão d'Oiro ao peito.

Os cortesãos de conturbado aspeito
Ostentam finas drogas do Levante,
E no anel d'um bispo roçagante
As gemmas fulgem com discreto geito.

Mas n'isto, o moribundo, abrindo os olhos
Cheios de estranho, de inspirado brilho,
Arreda o lençol branco e transparente,

Mostra o seio coberto de piolhos,
E ao filho diz : — « *Vê no que deram, filho,*
« Os diamantes e as perolas do Oriente ! »

O QUADRANTE

Porque não entras tu no meu jardim um instante ?
Nunca vi tarde assim, de tanta suavidade,
E na minh'alma chora uma sêde abrasante
De amar com singelesa e com terna humildade.

Entra. Não tenhas mêdo. Hesitas ? Fui, é certo,
Assomado, violento e surdo á tua dor,
Quando ás pedras lancei, em fatal desacerto,
A úmpulla de crystal que encheramos d'amor.

Mas se tão duro fui, tu que tão meiga eras,
Por capricho infantil, vestiras-te de gêlo,
E amando-me co'a fôrça invencível das heras,
Simulando desdens, folgavas em escondel-o.

Cubiça a creancinha uma boneca linda :
Dão-lh'a. Que amor lhe tem ! Não ha fruto nem joia
Que a tentem ! Dura isto um dia, e um dia ainda . . .
Mas ao terceiro, emfim, n'um impeto, destroe-a !

Eu e tu, loira amiga, essa creança fomos,
Destruimos nosso amor, malfadada boneca !
Fugindo d'um pomar onde eram d'ouro os pomos,
Rilhámos, por castigo, urzes d'uma charneca !

A Ventura passou, modesta e com socego,
Junto de nós que não a vimos, sob os freixos,
Cegos, tão cegos como o pobresinho cego,
Que pisasse dobrões, julgando pisar seixos !

Mas tudo isso se extingue em neblinas distantes,
E o bom tempo adoçou as mais amargas dores :
Perdoemo'-nos, amor, e amigos como d'antes,
Vamos n'este jardim perder-nos entre as flores !

Iris, fuchsias, jasmins, o cacto e a clematite
Porfiam em prender os teus olhos romanticos,
E açucenas ás mil dizem-nos, Sulamite,
Que entoemos de novo o *cantico dos canticos* !

Mas que silencio é o teu ? Não viste a commoção
Que me sacudiu quando ha pouco te encontrei ?
Não acreditarás na minha contricção,
Nem me perdoarás como eu te perdoei ?

Esse silencio é orgulho ! Uma paixão immensa
Ateia-se em tua alma ardente e lastimosa :
Olham-me os olhos teus com fingida indifferença
Mas tua mão na minha estremece nervosa !

Beija-me ! Assim, assim . . . Que languido alvoroço !
Milagre ! Oiço florir meus tristes desenganos !
Beija-me ! Aos beijos teus, estranho-me, remóço,
Julgo ter outra vez os meus vinte e dois annos !

Choras ? De novo és minha ! . . . Oriental thesoiro
Se off'rece ao rei sem throno, enfermo e mendicante !
Socéga, meu amor ; limpa os teus olhos d'oiro,
Senta-te aqui um pouco, e olha aquelle quadrante.

Elle te ensinará, meu encanto, a verdade,
Que todo o orgulho é vão, vãs todas as querelas,
Que o amor deve sempre ir p'la mão da caridade,
Que as horas sombras são, e a vida a sombra d'ellas . . .

Olha o quadrante bem : d'um cinzel inspirado
Finos lavor's expõe na tarja que o circumda,
Emquanto, lenta, sobre o marmore rosado
Avança a sombra azul d'esta hora moribunda . . .

Entre fartos laureis, entre frutos e flores,
N'essa tarja morriões e escudos acharás,
O alado caduceo, a tibia dos pastores
Da Arcadia, e d'Eros loiro o florido carcaz.

Aos symbolos, porém, da guerreira loucura,
Da ambição, da poesia e do amor, sobranceira,
Remate singular de tão bella esculptura,
No quadrante verás tambem uma caveira !

Guardadora feroz das Horas, que, singellas,
Mal nascem morrem logo, em candidos delirios,
Qual madrasta as vigia, a ver se alguma d'ellas
Se demora a apanhar borboletas ou lirios.

Não sentes um ar de morte a envolver-nos, querida ?
A sombra azul prosegue em seu andar furtivo . . .
Tenho sêde de amor, tenho fome de vida !
Digam-me os beijos teus que vives e que vivo !

Passa no meu cabelo as tuas mãos radiosas,
Chega bem para mim teu corpo e tuas vestes,
Emquanto além na sombra agonisam as rosas,
E a nossos pés se alonga a sombra dos cyprestes !

CARPE DIEM

Porque tão tristes e fechados vamos ?

Negro crime fazemos !

E' de rosas o mar onde singramos,

D'oiro fino estes remos...

O Amor leva o timão ; a Esp'rança rema,

Risonha e decidida...

E em volta cada vaga que se extrema

E' uma sebe florída.

Ri o sol, canta o céo, cantam as aguas
E canta a viração !
E nós a desfiar contas de maguas
Com dedos d'afflicção...

Da Alliança, no azul scintilla o Arco,
E nós, tristes, no meio
D'esta alegria, somos n'este barco
A Saudade e o Receio...

Gosemos ! Canta e ri ! O tempo foge,
Meu amor, minha irmã...
Mas se é tão lindo e claro o dia d'hoje,
Que importa o d'amanhã ?

Acaso os noivos, diz', tu que me impelles
No futuro a pensar,
Vão de luto casar-se, por que um d'elles
Do outro ha-de enviuvar ?

Por mais que ahí cogites no futuro,
Muda e sombriamente,
Não lhe abrandas por certo o gesto duro...
Saboreia o presente !

Canta e ri, meu amor ! E que eu contigo
Cante e ria tambem !
Se és minha amiga e eu sou tão teu amigo,
Que mais queres, meu bem ?

Quando, d'hoje a cem annos ou duzentos,
Branda vida aquecesse
O pó que então serás, brinco dos ventos,
E alguem te propoesse,

Ao dia d'hoje regressar, a troco
De pungente agonia,
Tudo o teu espirito enlevado e louco
De prompto acceitaria !

Sim ! Para ao dia d'hoje regressares,
Tu que tão triste vaes,
Soffrerias supplicios e pesares,
Sem queixas e sem ais ;

Então darias d'esses lindos olhos
A vida, a claridade,
E andarias descalça em chão d'abrolhos
Por toda a Eternidade !

HORTO FLORIDO

A terra, para dar frutos e flores,
Deve ser p'las enxadas revolvida ;
Assim, p'ra a alma se mostrar florída
Deve cavada ser por bastas dores.

Por isso, não quiz Deus, ó meus amores,
Que o vosso olhar me illuminasse a vida,
Sem que a minh'alma fosse bem ferida,
Do soffrimento pelos cavadores...

Chegastes, — meu campinho era lavrado...
Vêde que lindo está, e com que viço
Cresce aquella seára de desejos !

Vêde aquelle rosal, que é um noivado,
E as abelhas ouvi, que no cortiço
Andam a fabricar o mel dos beijos...

OS MEUS FILHOS

A MEUS PAES.

I

VIOLANTE MARIA LUIZA

Acorda cedo como os passarinhos
E vem logo direita á minha cama ;
Sacode-me com geito, por mim chama
E abre-me os olhos com os seus dedinhos.

Estremunhado, zango-me. — « Beijinhos,
« Não quer beijinhos ? » com voz d'ouro exclama :
Da minha ira empallidece a chamma,
E acarinhando-a pago os seus carinhos.

Senhor ! Que amor de filha tu me déste !
Dá-lhe um caminho brando e sem abrolhos,
Dá-lhe a Virtude por amparo e guia ;

E destina tambem, ó Pae celeste,
Que a mão com que ella agora me abre os olhos
Seja a que ha-de fechar-m'os algum dia !

II

MARTIM

Nasceu : era um varão ! Com febre anciosa,
A riscar seu futuro eis que me ponho :
Grandezas a grandezas sobreponho,
E minh'alma não pára, ambiciosa !

Genio insigne, consciencia luminosa,
Santo, poeta, heroe ! Manso e risonho,
Mal enche o berço... mas como eu o sonho
Enche de luz a vida tenebrosa !

Veu a morte e levou-m'o ! Altas montanhas,
Como invejei os musgos de velludo
Dos vossos cumes solitarios, calmos !

Titulos, honras, glorias e façanhas,
Tudo quanto eu sonhára, coube tudo
N'um caixãozinho branco de dois palmos !

III

LUIZ

Não peço para mim ! Foram baldadas,
Foram vãs minhas súplicas, Senhor !
Eu que um throno sonhei, fiquei pastor
De gado triste em serras escalvadas !

Eu que cegára, moço, vendo ateadas
As chammas da ambição, de astral fulgor,
Contemplo agora, em fremitos de dor,
Um montão só de cinzas apagadas !

Não me queixo, e a teus pés todo me humilho !
Mas se mereço um premio, porque esteja
Tão resignado e dócil como estou,

Compensa o pae humilde, erguendo o filho :
Dá-lhe o que me negaste, e que elle seja
Aquillo que eu quiz ser e que não sou !

IV

CONSTANÇA

Dorme... Sobre o tapete eis que descança
Dos sapatinhos d'ella o exiguo par :
Lembram as conchas que o bondoso mar,
Para brinco infantil, ás praias lança.

Maior que qualquer d'elles, se balança
Pallida rosa além, filha do luar...
Tristes estão ! affeitos só a andar,
Como que este repouso agora os cança.

Vendo-os, sonho-a crescida, a linda flor !
E com as mãos humildes levantadas
Supplíco ao Céu, em orações singelas,

Que nos caminhos por onde ella for
Sempre pura e gentil, suas passadas
Fiquem no chão brilhando como estrellas.

V

MAFALDA ERMELINDA

Mais uma estrella me alumia a casa !
Um novo rouxinol canta em meu ninho !
Vêde se não é mesmo um passarinho,
Se uma estrella não é de luz que abrasa !

Que lindo o seu dormir, com geito d'asa
Sob a fronte disposto o alvo bracinho !
Mas por vezes, se a vejo, se a acarinho,
D'esta alma uma dor subita extravasa.

E' que, se, fiado em Deus, estou contando
Para os meus filhos com uma vida bella,
Feita de dias claros e serenos,

Comparando-a aos irmãos, fico pensando
Que, sendo ella a mais novinha, é ella
O filho com quem hei-de viver menos...

EPILOGO

A MINHA MULHER.

A cem portas bati por noite agreste
Em que o vento mugia como um toiro,
Antes de enfim parar á porta d'oiro
A cujo limiar me appareceste.

Nos versos que ahi ficam, se é que os leste,
Talvez p'ra a nossa estima aches desdoiro,
Sob o cypreste vendo, ou sob o loiro,
Tantas amadas de perfil celeste.

Mas não ! Ao pé de ti, sou outro. A vida,
Sôpro de benções, no meu horto flue. . .
E aquelle que divaga nas alfombras

D'este livro, lunatica avenida,
Não sou eu, é a sombra do que eu fui,
Uma sombra saudosa d'outras sombras !

INDICE

	PAG.
<i>Epigraphe</i>	13
Inscrição	15
Passeio nocturno	17
Tristissima	21
Saudades	23
Hora suprema	25
Rompimento	27
O Ermitão	29
A' volta da fonte	31
O jazigo	35
Olhando as nuvens	37

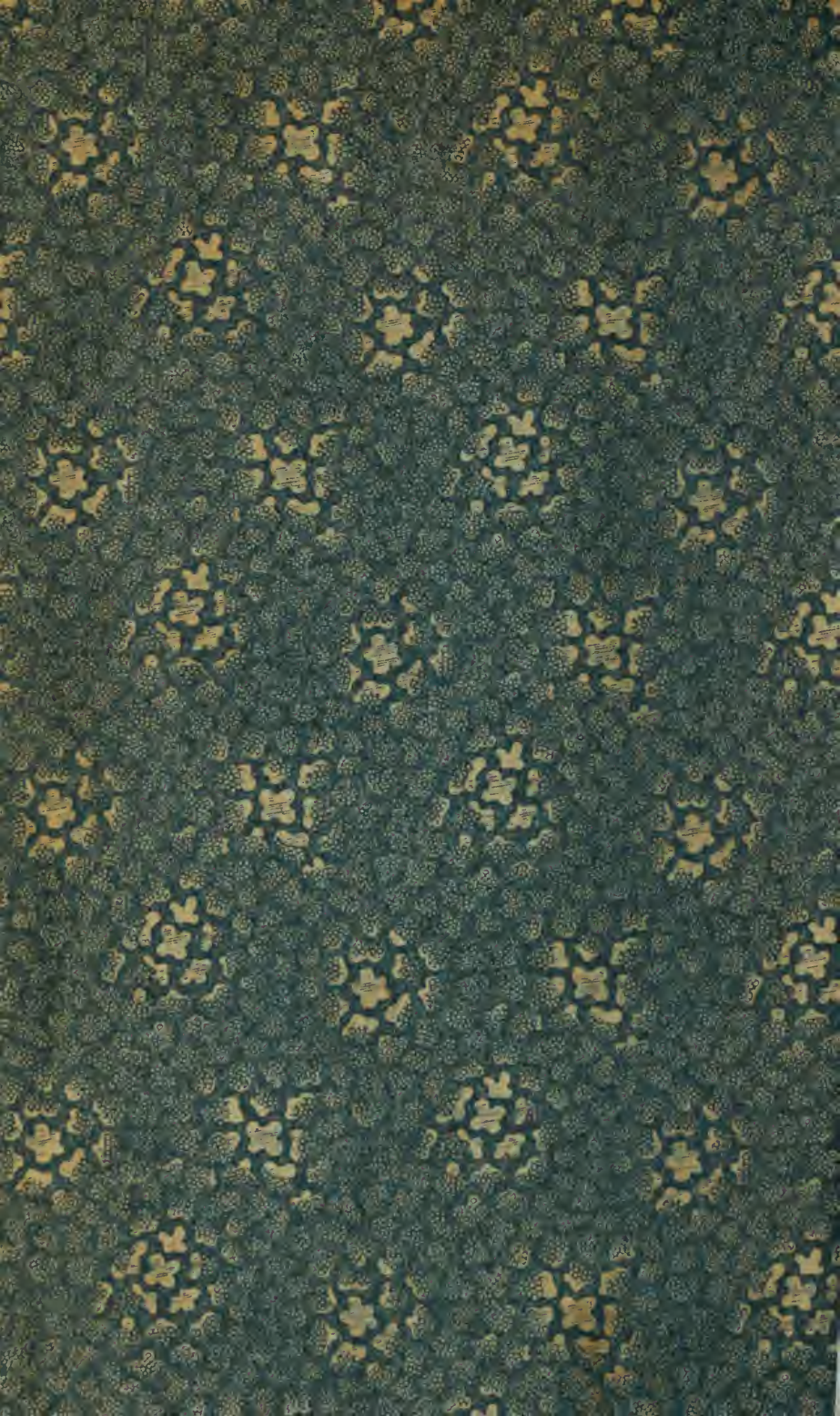
	PAG.
O elmo	45
Flores sêccas	49
Sob os olhos de Deus	51
Crepusculo	53
Diamantes e perolas	61
O quadrante	63
Carpe diem	69
Horto florido	73
Os meus filhos :	
i. Violante Maria Luiza	75
ii. Martim	77
iii. Luiz	79
iv. Constança	81
v. Mafalda Ermelinda	83
Epilogo	85

ACABOU DE SE IMPRIMIR
ESTE LIVRO AOS QUINZE
DIAS DO MEZ DE NOVEMBRO
DE MIL NOVECENTOS E SEIS
NA TYPOGRAPHIA DO EDITOR
FRANÇA AMADO, SITA Á
RUA DE FERREIRA BORGES
NA CIDADE DE COIMBRA.









PQ
9261
C4S6

Castro, Eugenio de
A sombra do quadrante

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 12 009 1